

A MOTIVAÇÃO DO SIGNO: ASPECTOS DO SIMBOLISMO SONORO E DA EXPRESSIVIDADE DA FALA

THE MOTIVATED SIGN: SOUND SYMBOLISM AND SPEECH EXPRESSIVITY ISSUES

Juliana Andreassa da LOMBA
PUCSP
juuh_andreassa@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar teorias e conceitos de estudiosos da linguagem, levando em consideração aspectos do signo linguístico. Para alguns teóricos, os meios de expressão são convencionados, ou seja, a relação é totalmente arbitrária, e para outros há controvérsias, e essa relação é motivada. Neste artigo são discutidas essas duas concepções, a arbitrariedade e a motivação do signo linguístico, e, conseqüentemente com esta última, aspectos do simbolismo sonoro e da expressividade da fala.

PALAVRAS-CHAVE: signo linguístico; arbitrariedade; motivação; simbolismo sonoro; expressividade da fala.

ABSTRACT

This article aims to present theories and concepts of language researchers considering linguistic sign aspects. To some theorists the means of expression are settled, in other words, this relation is totally arbitrary, and to others there are controversies and this relation is motivated. In this article two conceptions are discussed, the arbitrariness and motivation of the linguistic sign, and, consequently concerning the last one, sound symbolism and the speech expressivity aspects.

KEYWORDS: *linguistic sign; arbitrariness; motivation; sound symbolism; speech expressivity.*

0. Introdução

A relação entre som e sentido é discutida há muito tempo. Desde o Crátilo (PLATÃO, 2001), é possível verificar a evolução dessa discussão. Na referida obra de Platão, é abordada a questão de serem os nomes atribuídos por convenção ou por natureza, ou seja, se os signos linguísticos são arbitrários, ou seja estabelecidos por

convenção, como defendeu SAUSSURE (2012), ou se existe uma motivação estabelecida por natureza entre a matéria fônica e o sentido como defendeu JAKOBSON (2010).

A questão da arbitrariedade do signo, defendida por Saussure, teve maior repercussão em relação à motivação do signo, defendida por Jakobson, uma vez que a relação entre som e sentido era mais plausível de ser evidenciada do que a estabelecida por natureza.

Entretanto, atualmente, a questão da motivação do signo vem ganhando destaque por meio de estudos que desenvolvem experimentos que investigam as relações entre som e sentido.

Levando em consideração os aspectos simbólicos da linguagem, abordaremos, primeiramente, as características do signo linguístico, para depois discorrer sobre as questões de arbitrariedade e motivação do signo. Ao discutirmos o signo motivado, abordaremos questões de simbolismo sonoro e de expressividade da fala.

1. O signo linguístico

Partiremos do conceito de que a linguagem abrange qualquer forma de comunicação. Segundo a teoria de LAYER (1995), existem dois níveis de simbolização que dão à linguagem uma natureza semiológica, sendo eles: o nível gramatical e o nível fonológico.

O nível gramatical é constituído pelas unidades que podem ter um referente externo, como as palavras e as frases. E o nível fonológico é composto por unidades de consoantes e vogais, cuja função é agir como 'construtores' dos elementos do primeiro nível. A união desses dois níveis constitui a linguagem.

Na Linguística, o pensamento de Saussure teve um grande impacto nos estudos da linguagem. A linguagem, de acordo com SAUSSURE (2012), é definida como 'um sistema de signos que exprimem ideias', um conjunto incognoscível entre matéria e objeto, composta por *la langue*, o objeto universal e *la parole*, a matéria sensível, audível e visível.

Saussure foi quem primeiro considerou sistematicamente a questão do signo linguístico, criando a Teoria do Signo Linguístico. Segundo essa teoria, a unidade linguística é algo duplo, composta pela união de dois termos. Esses termos psíquicos e estão ligados no cérebro por um vínculo de associação, conforme representado nas figuras 1 e 2 como *Circuito da Fala*:

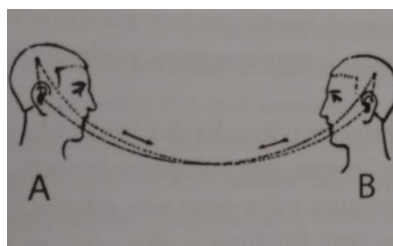


Figura 1. Exemplo do circuito da fala entre dois indivíduos.
Fonte: Saussure, 2012.

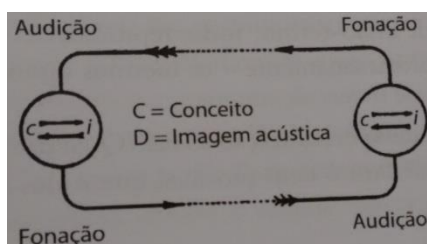


Figura 2. Esquematização do circuito da fala.
Fonte: Saussure, 2012.

Para que o circuito seja completo são necessários pelo menos dois sujeitos, representados como sujeitos A e B. De acordo com a figura 1, o início do circuito acontece no cérebro de um dos falantes. Ao originar-se no cérebro um conceito com uma imagem acústica correspondente, temos um fenômeno considerado psíquico, seguido de um processo fisiológico, uma vez que o cérebro transmite aos órgãos fonadores uma correlação da imagem. Como consequência, na fala, as ondas sonoras se propagam da boca de um até o ouvido do outro, de A para B, por exemplo, ocasionando um processo físico. No caso do falante B, o inverso acontece. O circuito vai do ouvido ao cérebro, transferência fisiológica da imagem acústica, e no cérebro a associação psíquica da imagem com o conceito. E, com a resposta de B, conseqüentemente, o ato se repete.

Na figura 2, são apresentadas essas fases descritas acima, sendo possível a visualização das partes físicas, as ondas sonoras, das partes fisiológicas, a fonação e audição, e das psíquicas, imagens verbais e conceitos.

Como proposto por Saussure, a unidade linguística denominada de signo consegue unir um conceito a uma imagem acústica, ou seja, é capaz de unir um conceito a uma impressão psíquica do som. Quando apenas pensamos em algum objeto sem falarmos seu nome, a palavra surge em nossa mente, ou quando falamos conosco mentalmente, são exemplos do que Saussure designava por imagem acústica. Conceito e imagem acústica foram nomeados, respectivamente, de significado e significante.

A relação entre significado e significante, de acordo com a concepção saussuriana, é arbitrária, isto é, não existe uma relação direta entre som e sentido, mas sim uma sonoridade sugestiva. Essa relação foi estabelecida por convenção e todo meio de expressão que é aceito em sociedade é decretado por convenção. Enfocaremos, nas subseções a seguir, o signo dos pontos de vista da arbitrariedade e da motivação.

1.1 A arbitrariedade do signo

Saussure foi enfático em alegar que a natureza do signo é arbitrária, ou seja, é imotivado e não tem relação natural na realidade. Essa visão foi modificada por BENVENISTE (1976), que postulava que a relação entre significante e significado estava desfalcada de um terceiro elemento, que é a realidade, a própria coisa em destaque. E, do ponto de vista da realidade, o signo é arbitrário, como já afirmado em Saussure. Afinal, independente da nomenclatura de um signo variar de língua para língua, os termos se aplicam a uma mesma vertente.

Porém, a relação entre significante e significado passa de arbitrária para necessária em Benveniste do ponto de vista lógico, final, se não fosse necessária, não haveria signo: Há entre os dois uma simbiose tão estreita que o conceito "boi" é como que a alma da imagem acústica boi". (BENVENISTE, 1976, p. 55)

Para entender a abordagem do signo por Benveniste é preciso compreender as diferenças que a separam da abordagem de Saussure. Saussure aborda o signo como estrutura sistêmica, enquanto Benveniste o faz do ponto de vista do locutor, ou seja, o signo em uso pelo homem.

Podemos considerar a arbitrariedade do signo linguístico em relação à língua como sistema, objeto de estudo de Saussure, mas e quanto à fala, especificamente? Não haveria também uma relação direta entre som e sentido?

A arbitrariedade e não arbitrariedade do signo linguístico vai depender do ponto de vista a ser estudado, no caso, a língua como estrutura e a língua em uso, a fala.

1.2 A motivação do signo

Controvérsias em relação à arbitrariedade do signo linguístico foram levantadas por diversos autores, entre eles GRAMMONT (1913), JESPERSEN (1933), SAPIR (1927) e JAKOBSON (2010).

Desde a Grécia Antiga com Platão, em Crátilo, há a discussão se os sons da linguagem foram constituídos por convenção ou por natureza.

GRAMMONT (1913), apud ABELIN (1999) se interessou por essa questão e levantou estudos sobre a relação entre som e sentido existente nas vogais. Ele classificou as vogais em dois tipos: vogais baixas, que remetiam à ideia de escuridão, e vogais altas, que remetiam à ideia de luminosidade.

JESPERSEN (1933) também realizou estudos sobre a sonoridade das vogais e seus efeitos de sentido e indicou que, contestando a arbitrariedade do signo, a vogal /i/, por exemplo, em diversas palavras exprime a ideia daquilo que é pequeno, e isso ocorre associação ao *pitch* agudo da vogal.

Outro estudioso que também realizou esse tipo de experimento foi JAKOBSON (2010), que discutiu e apresentou a questão da motivação do signo, abordando-a no estudo da linguagem poética, na qual essa motivação surge de forma mais potente.

A linguagem poética revela a existência de dois elementos que agem no agenciamento fônico: a escolha e a constelação dos fonemas e de seus componentes; o poder evocador destes dois fatores, ainda que fique escondido, existe, entretanto, de maneira implícita no nosso comportamento verbal habitual (JAKOBSON, 2010, p. 108).

JAKOBSON (2010) apresentava a motivação do signo existente nos fonemas. Fonemas graves como o /a/ dão a ideia de grandeza, escuridão, elementos arredondados, enquanto fonemas agudos como o /i/ sugerem a imagem de pequenez, claridade, elementos pontudos, ratificando, o que JESPERSEN (1933) já havia indicado.

JAKOBSON (1977) também altera os termos significante e significado para som e sentido, respectivamente, ou seja, o som (significante) passa ser a transcrição fonética da palavra e o sentido (significado) sua definição. Para ABELIN (1999), alguns campos semânticos são mais propensos a ter elementos que favorecem a identificação do som e sentido, como o diminutivo.

Em seu estudo sobre a estilística dos sons, MONTEIRO (2005) apresenta experimentos realizados ao longo do tempo que evidenciam os trabalhos de Jakobson, defendendo o conceito de motivação do signo. Alguns exemplos: existem vocábulos que são agrupados pelo sentido, e apesar de não possuírem semelhança etimológica, apresentam semelhança fonológica. No inglês, temos as palavras *father* e *mother*, que se assemelham quanto à sonoridade, assim como no latim, *pater* e *mater*; em línguas indo-europeias, o

grau dos adjetivos é construído por meio do acréscimo no número de fonemas: *strong* – *stronger* – *strongest*, no inglês, por exemplo. No português, entretanto, há sufixos diminutivos que alongam as palavras, flor – florzinha, que constituído pela vogal / i / expressa a ideia de pequenez; o plural é sempre formado pelo acréscimo de vocábulos. Para entendermos o motivo, SLOBIN (1980), seguindo a concepção de Jakobson de que o aumento numérico é formado por um acréscimo fonológico, emprega o termo “metáfora física”, ou seja, quando falamos de mais de um elemento é necessário mais sons.

Assim, é possível detectar aspectos na colocação dos fonemas que exprimem de fato a motivação do signo e, conseqüentemente, a relação entre som e sentido. Testes realizados, nos quais o indivíduo deve denominar a imagem por uma palavra não existente, mas construída, mostram como a junção fônica das palavras pode se assemelhar com a imagem, e de acordo com esses experimentos, as pessoas tendem a relacionar os sons, das palavras, no caso, com as imagens. SAPIR (1927) realizou um teste em que as palavras *la*, *law* e *li* deveriam ser ouvidas para nomear três mesas de tamanhos diferentes, como ilustra a Figura 3, a seguir.



Figura 3 – ilustração para exemplificação do teste
Fonte: Google imagens

Os ouvintes nomearam *li* a mesa menor, *law* a mesa maior e *la* a mesa média. De acordo com SAPIR (1929), a combinação de certas vogais com certas consoantes pode sugerir uma sonoridade maior do que em outras combinações.

Outros testes em que imagens deveriam ser nomeadas por palavras inventadas também revelaram que os sujeitos criam analogias entre sons e imagens. NOBILE (2015) apresenta o experimento ‘maluma-takete’, criado por Köhler (1947). O experimento apresenta duas imagens que os sujeitos devem nomear por ‘maluma ou ‘takete’.



Figura 4 – imagens associadas com as palavras *maluma* e *takete*
Fonte: Köhler, 1947

Os resultados mostraram que a maioria das pessoas escolheu *maluma* para a figura curvada e *takete* para a figura pontuda. De acordo com Nobile (2015), esses resultados evidenciam a relação entre som e sentido, entre o visual e as oposições fonológicas.

Os estudos citados anteriormente relacionados à arbitrariedade e não arbitrariedade do signo revelam a importância de se estudar o vínculo entre som e sentido. No caso de nossa pesquisa, temos como objeto de estudo a fala, que foi levada em consideração nas observações de Benveniste e Jakobson.

De tal forma, estudar as características existentes na fala implica em considerar a relação entre som e sentido, ou seja, considerar a potencialidade da matéria fônica explorando os sentidos. Ohala (1982) utiliza o termo simbolismo sonoro. Desta maneira, discutir as relações entre som e sentido implica em reconhecer a potencialidade do simbolismo sonoro, ou seja, do vínculo direto entre som e sentido, que é a base da expressividade sonora (MADUREIRA, 2011).

2. O simbolismo sonoro

De acordo com FONÁGY (2001), atos de fala trazem à tona dois tipos de mensagem. O primeiro possui uma função referencial que traz informações. E o segundo possui mais de uma função que transpassa a identificação do falante, aspectos estéticos da linguagem e expressividade, como emoções e atitudes.

Neste segundo tipo, a mensagem é produzida por meio de desvios, que podem estar relacionadas a três níveis: respiratório, fonatório e articulatório. Esses desvios apresentam características que estão baseadas na interpretação da matéria fônica e que remetem a estudos do simbolismo sonoro.

De acordo com MADUREIRA (2011), o simbolismo sonoro está baseado em códigos biológicos: o código de frequência (OHALA, 1983; OHALA, 1984; CHUENWATTANAPRANITHI, 2008), o código de esforço, o código de produção (GUSSENHOVEN, 2002, 2004), e,

recentemente, foi acrescentado o código da sereia (GUSSENHOVEN, 2015).

O código de frequência remete às variações de frequência fundamental (f_0) que correspondem em nível de produção ao número de vibrações das pregas vocais por segundo e em nível auditivo ao pitch, a sensação auditiva de som grave e agudo. Sons graves são associados ao que é grande, forte, pesado, enquanto sons agudos ao que é pequeno, frágil e leve. Estabelecem-se, assim, relações entre os planos acústico e de sentido.

O código de esforço possui relação com a articulação. Na produção da fala, quanto maior o esforço da articulação, maior a proeminência alcançada e maior a duração dos segmentos fônicos. O código de produção está relacionado com a pressão de ar subglótica: no início do discurso, a pressão de ar subglótica aumenta e, no final, ela abaixa.

E o código da sereia está relacionado com a qualidade de voz, no caso, a voz soprosa, que está associada com a sensualidade feminina, uma vez que esse estilo de voz, natural ou produzido, está mais presente na fala das mulheres. A voz soprosa é geralmente caracterizada por escape de ar entre as pregas vocais.

Esses quatro códigos biológicos evidenciam os efeitos de sentido que podem ser alcançados pela prosódia, corroborando a expressividade da fala. Estudos realizados por IMAI *et al* (2008), demonstram que a relação entre som e sentido estabelecida pelo simbolismo sonoro pode ocorrer automaticamente, ou seja, de forma inconsciente, de acordo com o estímulo do organismo.

Pela relação que se estabelece entre efeitos de sentido e os parâmetros de natureza fonatória, articulatória e acústica os códigos do simbolismo sonoro são de interesse para a investigação da expressividade da fala.

Portanto, considerar o simbolismo sonoro nos estudos sobre a o som e o sentido significa ir ao cerne da questão da expressividade da fala, uma vez que, para entendermos como atitudes, emoções, personalidade e outros aspectos bio-psico-sociais são interpretados a partir da fala é necessário considerar as características fonéticas que são interpretadas como pistas de efeitos de sentido.

3. A expressividade da fala

A fala é expressiva, assim sendo, além de comunicar e informar, exerce o papel de impressionar o ouvinte, ou seja, é capaz de veicular estados afetivos tanto positivos quanto negativos e características sociais e expressividade está relacionada com o simbolismo sonoro.

A relação existente entre simbolismo sonoro e a expressividade da fala se dá levando em consideração elementos utilizados na produção da fala.

Na fala, a expressividade é caracterizada por elementos melódicos e rítmicos, denominados de recursos fônicos por Madureira (2004). A autora considera que toda fala é expressiva, uma vez que, até mesmo uma enunciação sem emoção acarreta efeitos de sentido, ou seja, a fala pode causar impressões no ouvinte independente de como ela é produzida, causando assim, efeitos impressionantes positivos ou negativos.

Segundo MADUREIRA (2004), a construção da expressividade da fala se dá por meio de relações entre som e sentido, o simbolismo sonoro, e entre os elementos segmentais (vogais e consoantes) e prosódicos (ritmo, entoação, qualidade de voz, taxa de elocução, pausas e padrões de acento).

De tal forma, a necessidade de se expressar e compreender emoções faz parte da comunicação humana. BELLER (2006) utiliza o termo expressividade como sendo um nível de informação na produção da mensagem falada que transmite emoção, atitude e humor. A expressividade vai além das palavras, pois pode ser percebida por índices paralinguísticos, como sons não verbais e prosódia.

Sons não verbais também são considerados fenômenos na fala. São sons que não trazem função linguística alguma. Por exemplo, a respiração, que pode ser um elemento importante para expressividade, mas não para a constituição das formas de palavras.

Sons da fala verbais e não verbais aparecem ordenados de uma maneira sequencial ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, a acústica destes elementos sonoros é produzida pela prosódia. A prosódia engloba a entoação, a acentuação, o ritmo, a qualidade de voz e a pausa.

Como explicam BARBOSA E MADUREIRA (2015), 'A prosódia molda, assim, nossa enunciação imprimindo a 'o que se fala' um 'modo de falar' que é dirigido intencionalmente ou não ou ouvinte", ou seja, a prosódia molda o que se quer transmitir aos ouvintes e a forma como a fala chegará até os seus ouvidos. Isso pode ser proposital ou não.

Os elementos prosódicos apresentam funções linguísticas, paralinguísticas e extralinguísticas. Entre as funções linguísticas, temos as discursivas como as exercidas pelos padrões entoacionais que conferem a modalidade, declarativa e interrogativa, aos enunciados, as funções de proeminência como as exercidas pelos padrões de acentuação promotores da sensação de saliência auditiva e as funções demarcativas com as exercidas pelas pausas que delimitam enunciados. Os correlatos acústicos dos elementos

prosódicos são a frequência fundamental que é percebida como *pitch*, a duração que é percebida como alongamento e a intensidade que é percebida como *loudness*.

Para explicar a função de proeminência, coloquemos o exemplo que BARBOSA E MADUREIRA (2015) utilizaram. A palavra “verde” no enunciado “Não, eu vi uma moto VERDE” possui mais energia, valores de f_0 aumentados e maior duração, comparada aos outros elementos do enunciado. Entre os elementos que mostram que a palavra “verde” tem saliência na fala está a descida brusca da curva de f_0 na sílaba tônica, como mostra a figura 5.

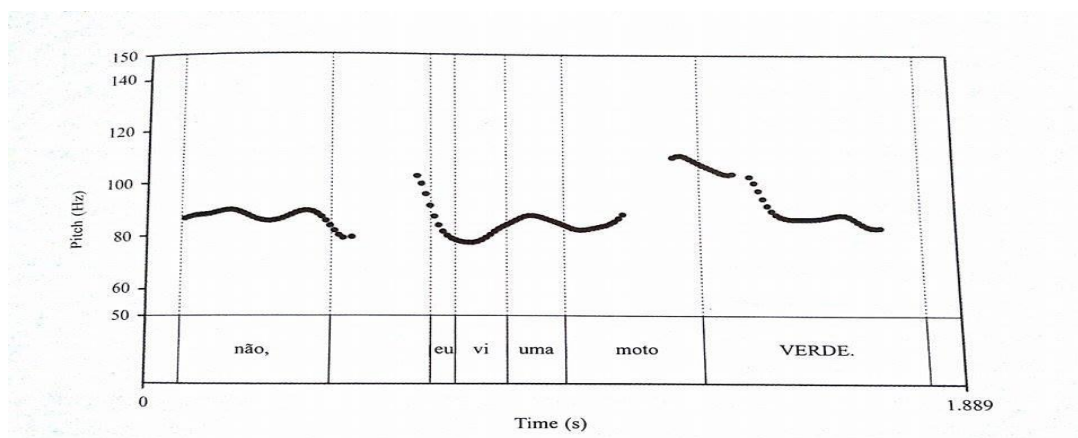


Figura 5 – Traçado do valor de f_0 (Hz) ao longo do enunciado “Não, eu vi uma moto VERDE” por um falante paulista
Fonte: Barbosa e Madureira (2015)

Um outro elemento prosódico relevante na construção da expressividade da fala é a pausa que pode ser silenciosa ou preenchida. LAYER (1995) considera que as pausas silenciosas são intervalos de silêncio acima de 200 ms. As pausas silenciosas podem ser classificadas em dois tipos: as fluentes ou as hesitativas (MERLO, 2006). As pausas fluentes aparecem em fronteiras sintáticas fortes, como entre sentenças, sujeito e predicado, e as pausas hesitativas, ao contrário, aparecem em fronteiras sintáticas fracas (CRUTTENDEN, 1994; MERLO, 2006).

No exemplo a seguir, é possível ver uma sentença com os dois tipos de pausa silenciosa, uma pausa silenciosa hesitativa e outra fluente. Os exemplos foram extraídos de MERLO (2006).

‘Aí o pai pede um copo... (pausa hesitativa) d’água...(pausa fluente) o filho diz que já vai pegá...’ MERLO (2006, p. 211).

Por sua vez, as pausas preenchidas são caracterizadas por lacunas na fala que no português aparecem como “éh”, “ah”, “ahn” e “mm”, um material não linguístico (LAVÉR, 1995). Para o autor, as pausas preenchidas podem variar entre as comunidades sociolinguísticas.

De tal forma, a pausa, silenciosa ou preenchida, é um dos elementos que faz parte da prosódia, como citado anteriormente. Barbosa e Madureira (2015) definem que o papel da pausa é “assinalar uma fronteira prosódica”.

Para CAGLIARI (1992), a pausa tem a função de segmentar a fala, para tanto a pausa pode ser usada para diversos fins, designar uma mudança repentina na fala, por exemplo. Quando se quer reforçar as palavras com pausas, isso pode significar que o autor quer se impor, colocar autoridade no que está dizendo. Outro aspecto importante é o fato de a pausa servir também como forma de focar naquilo que vai ser dito ou para segmentar a fala de várias maneiras (CAGLIARI, 1992).

Segundo COTES (2007), dependendo de sua função, as pausas podem ser delimitativas, expressivas, de planejamento discursivo ou de estruturação discursiva. As pausas que aparecem com função delimitativa marcam os componentes da frase, como as palavras, os grupos de palavras e as frases. As pausas expressivas têm a função de colocar em destaque as palavras que o falante pretende enfatizar. As pausas de planejamento discursivo são empregadas para dar continuidade na fala, e as pausas de estruturação discursiva têm a função de ordenar as partes do discurso. De tal forma, as pausas exercem um papel relevante na expressividade da fala.

No campo expressivo, as funções prosódicas podem ser atitudinais, que mostram atitude, postura e estilo de elocução; afetivas que trazem emoções e afetos como o humor, por exemplo; e indiciais que mostram marcas de gênero e sexo, origem social, etc. Esses tipos de função prosódica aparecem em todos os enunciados, sendo que o homem é raramente capaz de disfarçar tais características em suas enunciações.

4. Conclusão

A relação existente entre som e sentido é complexa e a investigação sobre as características fonético-acústicas dos segmentos fônicos e dos elementos prosódicos e sobre os efeitos das pistas acústicas nos ouvintes é um caminho que vem sendo desbravado e deverá ainda ser trilhado para que a discussão sobre o

simbolismo sonoro como base da expressividade da fala avance (MADUREIRA, 2011).

Este estudo teve como objetivo apresentar teorias e conceitos de teóricos da linguagem e da fala levando em consideração aspectos do signo linguístico. Assim, foi possível constatar que a arbitrariedade e não arbitrariedade do signo linguístico depende do ponto de vista a ser estudado, ou a língua como estrutura ou a língua em uso, a fala, pois na fala, levando em consideração aspectos linguísticos, extralinguísticos e paralinguísticos existem elementos que remetem ao simbolismo sonoro, ou seja, a relação entre som e sentido.

Acreditamos, assim, que pela perspectiva da fala em uso, podem ser encontradas evidências da existência da motivação do signo linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABELIN, Å. *Studies in Sound Symbolism*. Tese de doutorado. Humanisten, Göteborg University, 1999.
- BARBOSA, P.A.; MADUREIRA, S. *Manual de Fonética Acústica Experimental: Aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015.
- BELLER, G. et al. Speech rates in French Expressive Speech. *Speech Prosody*, Dresden, 2006.
- BENVENISTE, É. Natureza do signo linguístico. In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.
- CHUENWATTANAPRANITHI, S. et al. Encoding emotions in speech with the size code: a perceptual investigation. *Phonetica* 65, p. 210-230, 2008.
- KÖHLER, W. *Gestalt Psychology*. New York NY: Liveright. 1947.
- FONÁGY, I. *Languages within language an evolutive approach*. John Benjamins Publishing, 2001.
- GUSSENHOVEN, C. Intonation and interpretation: Phonetics and Phonology. *Speech Prosody 2002: Proceedings of the First International Conference on Speech Prosody*. Aix-en-Provence, ProSig and Université de Provence Laboratoire Parole et Langage, p. 47-57, 2002.
- GUSSENHOVEN, C. *The Phonology of Tone and Intonation*. Cambridge University. 2004.
- _____. *Foundations of intonational meaning: Anatomical and physiological factors*. 2015.

- IMAI, M.; KITA, S.; NAGUMO, M.; OKADA, H. Sounds Symbolism between a word and an action facilitates early verb learning. *Cognition*, 109, 54-65, 2008.
- JAKOBSON, R. *Seis lições sobre som e sentido*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1977.
- _____. Linguística e poética. In: JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. 22. ed. – São Paulo: Cultrix, 2010.
- JESPERSEN, O. Symbolic value of the Vowel. *Linguistica. Selectes Papers in English, French and German*. Copenhagen: Levin and Munksgaard, 1933.
- LAVER, J. *Principles of Phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- MADUREIRA, S. Sobre a expressividade da fala. In: Kyrillos, L. *Expressividade*. Editora Revinter, 2004.
- _____. The Investigation of Speech Expressivity. In: H. Mello; A. Panunzi; T. Raso (Eds). (Org.). *Illocution, modality, attitude, information patterning and speech annotation*. Firenze: Firenze University Press, v. 01, p. 101-118, 2011.
- MONTEIRO, J.L. A Estilística: Manual de análise e criação do estilo literário. In: *Os sons estilísticos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- MUTSUMI, I. et al. Sound symbolism facilitates early verb learning. In: *Cognition*, 2008.
- NOBILE, L. *Phonemes as images: An experimental inquiry into shape-sound symbolism applied to the distinctive features of French*. Université de Bourgogne, 2015.
- OHALA, J.J. *Sound Symbolism*. Department of Linguistics, University of California. 1982.
- PLATÃO. *Crátilo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- SAPIR, E. Speech as a Personality Trait. In: *American Journal of Sociology*, Vol. 32, No. 6, p. 892-905. The University of Chicago Press, 1927.
- _____. A study in phonetic symbolism. In: D. Mandelbaum (ed.) *Selected writings*, Berkeley, California, 1929.
- SAUSSURE, F. Natureza do signo linguístico. In: _____. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SLOBIN, D.I. *Psicolinguística*. São Paulo: Nacional: EDUSP, 1980.